

A POÉTICA DA TRADUÇÃO EM WALTER BENJAMIN E HAROLDO DE CAMPOS

*Luciene Guimarães de Oliveira**

Resumo: *Este ensaio visa traçar um paralelo entre a poética da tradução de Walter Benjamin, em “A Tarefa do Tradutor”, e a de Haroldo de Campos, poeta, tradutor, e crítico brasileiro em sua teoria da tradução.*

Palavras-chave: *Poética da tradução, Walter Benjamin, Haroldo de Campos.*

Introdução

Walter Benjamin, ao traduzir poemas de Baudelaire, na tarefa de verter, do francês para o alemão, escreveu-lhe em 1923, um prefácio intitulado “A Tarefa do Tradutor”. Este ensaio de Benjamin, apesar de se tratar de tradução, está intimamente ligado à filosofia da linguagem e se encontra ainda inédito no conjunto da obra de Walter Benjamin traduzida no Brasil.

A intenção deste trabalho é a de salientar alguns aspectos de “A Tarefa do Tradutor”, que foram retomados pelo poeta, tradutor, e crítico brasileiro Haroldo de Campos, ao incorporá-lo em sua teoria da tradução.

1. Walter Benjamin

Em “A Tarefa do Tradutor”, Benjamin faz constantes referências, considerando a obra literária como obra de arte, e atribui à tradução um papel crucial na existência e continuidade vital dessas obras. Nelas, diz Benjamin (s.d., D) “a vida do original alcança seu último e mais amplo desdobramento permanentemente renovado”. O filósofo define a tradução como uma “forma”, cuja tarefa do tradutor seria a de ser fiel a essa “forma”, que é, numa linguagem mais semiótica, à forma significante, pois os maus tradutores, segundo Walter Benjamin, se detém à pura transmissão do conteúdo, do significado, do “inessencial”. O original é onde reside a lei da forma. A tradução ideal se preocuparia, não com a versão literal, mas com “o secreto, o poético, “ tarefa essa que caberia a um poeta-tradutor.

Apesar de manter uma estreita relação com o original, ele diz que uma tradução, por melhor que seja, “nunca pode ter alguma importância para o original”. Benjamin (s.d.,C) parece elevar o original a um estado quase “aurático”:

Do mesmo modo que as manifestações da vida são intimamente relacionadas com a vida como tal, sem significar alguma coisa para ela, a tradução nasce do original. (...) A história das grandes obras de arte consiste na descendência das fontes, na formação, na época do artista e no período da sua sobrevivência basicamente eterna junto às gerações posteriores. Esta última, quando vem à

* Mestranda em Teoria da Literatura pela UFMG

tona, se denomina fama. As traduções que são mais que intermediações nascem quando uma obra alcançou a era de sua fama.

Parece pertinente afirmar que o original ocupa um lugar de exclusividade, de singularidade, portanto, a tradução, para Benjamin, tem quase uma relação de alteridade para com esse original. Diz o filósofo (1996:301):

O maior elogio a uma tradução não é poder ser lida como um original em sua língua. (...) A verdadeira tradução é transparente, não encobre o original, não o tira da luz; ela faz com que a pura língua, como que fortalecida por seu próprio meio, recaia ainda mais inteiramente sobre o original.

No entanto, Benjamin, ao citar Rudolf Panwitz, conclui algo de extrema relevância no seu pensamento sobre a tradução. Panwitz diz que “o erro fundamental de quem traduz é apegar-se ao estado fortuito da própria língua, ao invés de deixar-se abalar violentamente pela língua estrangeira” (1996:304). Dessa forma, ao invés de germanizar a outra língua de partida, deveria ser adotado o procedimento contrário, anglicizar o alemão, a exemplo. Essa liberdade da tradução, de buscar a “essência da forma” contida na outra língua, só é possível, para Benjamin, devido à tradutibilidade do original. Ao dizer “quanto mais elevada a qualidade de uma obra, mais ela permanecerá, mesmo no contato mais fugidivo com o seu sentido, ainda traduzível. Isso vale naturalmente para originais” (op.cit.,304). Portanto, para Benjamin, as traduções são intraduzíveis, “devido à excessiva fugacidade com que o sentido adere a elas.”

Qual seria para Benjamin então a tarefa do tradutor? Benjamin confere tal tarefa à própria liberdade do tradutor: ela estaria atestada na sua própria língua. Diz Benjamin (op.cit., 303): “Redimir na própria, a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativeiro da obra por meio da recriação – essa é a tarefa do tradutor.”.

2. Haroldo de Campos

Mas o que seria a “língua pura”? O sentido da língua pura estaria, segundo Benjamin, no conjunto de intenções que as línguas reúnem, que “se complementam mutuamente”. Para tentar compreender tal sentido, Haroldo de Campos designou o “modo de intencionar”, “modo de significar”. Este último, segundo Campos (1981:67), não se confunde com o que é “significado”, com o “conteúdo denotativo”, mas diz respeito ao que ele chamou de “forma significante”, “forma de expressão”, “forma do conteúdo”. Ao invés do tradutor se ater ao mero conteúdo comunicacional, o bom tradutor se preocuparia com o “modo de formar” do original. No texto de Benjamin, ele exemplifica expondo que o que se quer dizer com “brot” e “pain” é a mesma coisa, esta seria o modo de intencionar, pois nem sempre estas palavras que significam “pão” em português, nem sempre podem representar culturalmente o mesmo para alemães e franceses. A língua pura abole este conflito, favorecendo uma harmonia no “modo de intencionar”. Benjamin também usa uma metáfora para equiparar a língua pura a uma língua maior: os fragmentos de um vaso, tão desiguais e que são recompostos, assim deveria ser a tradução, que sem se assemelhar ao sentido do original, o recompõe no seu modo de intencionar, pois com isso, ambos são reconhecidos – original e tradução - “cacos como fragmentos de um vaso, fragmentos de uma língua maior”. (op.cit.,301). Haroldo de Campos apreende a língua pura como sendo:

algo assim como um idioma adâmico , seria como que um ponto messiânico para onde convergiriam todas as línguas, independentemente de parentesco etimológico, e unidas apenas por um *telos* último : seu ‘modo de intencionar’.(1997:54)

Para Campos, a língua pura seria o “significado de conotação” visado pelo modo de intencionar de todas as línguas isoladas. Original e tradução se complementaríamos em sua intenção, já que se pode depreender que o próprio original já seria uma tradução do pensamento, que advém das idéias, do processo criativo do autor, da sua visão de mundo, e a tradução, já também como um produto de leitura. A língua pura seria a intenção comum a original e tradução.

3. A comparação

No entanto, como Haroldo de Campos, ao conceber o conceito de “transcrição”, se vale, além de outros teóricos como Pound, Octávio Paz, Jakobson, na proposta da “Tarefa do Tradutor”? Campos ora se aproxima das idéias de Benjamin, ora se distancia. O Crítico-poeta-tradutor se apóia nas teorias lingüísticas do russo Roman Jakobson e relaciona a língua pura a um “lugar semiótico” da operação tradutora. Traduz-se o próprio signo, em sua fisicalidade, em sua materialidade, enquanto informação estética. Isto estaria ao lado inverso da tradução literal. Também para Benjamin, traduzir não é reproduzir sentido, seu conteúdo, e sim preocupar-se com a “tonalidade afetiva” que as palavras carregam. Na tradução de palavras com significado poético para o original, o poético não se esgota no texto de partida, pois deve-se tentar traduzir a forma do poético, o que acaba por distanciar do sentido literal. Diz Benjamin: “a literalidade sintática destrói qualquer possibilidade de reprodução de sentido, ameaçando conduzir diretamente à incompreensibilidade”(1996:300). Para Jakobson, a tradução poética, seria para ele inconcebível, só sendo possível a transposição criativa. Seria, como diz Campos, uma “literalidade à forma do original, traduzir sob o signo da invenção” (1997:54). Chega-se então, o cerne do que Haroldo de Campos entende como “transcrição”. Usando uma linguagem semiótica, Campos (op.cit.:52) explicita suas idéias a cerca da tradução de textos criativos:

a tradução de textos criativos será sempre criação paralela, autônoma, porém recíproca. Assim, entre a informação estética do original e aquela reinventada na língua do tradutor, existiria uma ‘relação de isomorfia’: seriam diferentes enquanto linguagem, mas como corpos isomorfos, cristalizar-se-iam dentro de um mesmo sistema. Uma tradução isomórfica seria , por definição uma tradução icônica.

Portanto, Campos, ao partir da tradução como forma, ao rejeitar a tradução literal como demanda Benjamin, pois traduzir é transcriar, acaba por incorporar o sentido de língua pura ao ponto onde original e tradução se encontram, sua informação estética. Mas Haroldo de Campos parece ir ainda mais além das idéias de Benjamin em relação ao original. No ensaio “Deus e o Diabo no Fausto de Goethe”, onde Campos elabora um pos-scriptum expondo suas reflexões sobre a tradução de Goethe, ele propõe a “obliteração do original”. Para Haroldo de Campos, a operação tradutora é uma forma “demoníaca”, uma ruptura, um “salto tigrino” da verdade do original, em que há uma dessacralização do original, pois a tradução é uma forma de ler a tradição, enquanto que a transcrição é sua transgressora, uma releitura, que abre para um novo texto. Neste

ensaio, Campos (1981:209) nomeia a operação tradutora de “transluciferação mefistofáustica” para ilustrar a forma de tradução “demoníaca”, que oblitera o original.

A tradução criativa, possuída de demonismo , não é piedosa nem memorial; ela intenta , no limite, a rasura da origem : a obliteração do original. A essa desmemória parricida chamarei *transluciferação*.

A desmemória parricida é como se refere Haroldo de Campos à operação tradutora que oblitera o texto de ponto de partida, o original, maneira de criar um texto quase que independente do ponto de origem.

Campos também diverge de Benjamin em relação à traduzibilidade da tradução. Para Benjamin, como já foi mencionado, “Traduções são intraduzíveis” , e cita como exímio exemplo, as traduções de Hölderlin sobre as tragédias de Sófocles. Nelas, Benjamin parece ver concretizada a idéia da língua pura. Nessas traduções, “a harmonia das línguas é tão profunda que o sentido só é tocado pela língua como uma harpa eólia pelo vento”(1996:304). Campos comenta que Benjamin eleva essas traduções “à posição de um original perante as demais traduções” (1992:82). No entanto, Haroldo de Campos acredita na possibilidade de retradução poética. Derivando da língua pura benjaminiana, uma metáfora do tradutor com uma “função angélica”, Campos propõe então, uma transformação “luciferina“ da tradução poética, pois o tradutor não teria a função “angélica” de anjo mensageiro, mas de uma atitude “luciferina”, transcriadora:

o tradutor, o transcriador, passa por seu turno a ameaçar o original com a ruína da origem ; ameaçado pelo silêncio , ele responde afrontando o original com a ruína da origem . transformar por um átimo , o original na tradução de sua tradução ; reencenar a origem e a originalidade através da “plagiotropia” como movimento incessante da “diferença”, fazer com que a mimesis venha a ser a produção mesma dessa “diferença. (op.cit.:82)

Conclusão

Dessa forma, Haroldo de Campos parece, em relação à retradução da tradução poética, não permitir que o original, cuja tradução se apóia na língua pura, tão primordial para Benjamin, seja uma espécie de camisa de força que enclausure o tradutor no silêncio. Condenado ao silêncio, nada mais resta ao tradutor diante de uma “sobrecarga angélica” que o aproxima da língua pura, pois para Campos, seria uma forma de reunir, convergir todos os textos em um texto único. A essa quase imposição do sentido único que resulta como produto da língua pura, do qual, segundo ele, não é necessário ficar circunscrito em um círculo, que ele propõe a transcrição, como operação tradutora luciferina.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *A Tarefa do Tradutor*. Trad.George Otte. (parcial) manuscrito, (s.d.)

_____. *A Tarefa do Tradutor*. Trad. Susana Kampff Lages. Manuscrito, apêndice da tese: *Walter Benjamin: Melancolia e Tradução*. PUC-SP, 1996.

CAMPOS, Haroldo de. *A Poética da Tradução*. In: *A arte no horizonte do Provável*. São Paulo: Perspectiva , 1969. Col. Debates 16.

_____. *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

_____. O que é mais importante: a escrita ou o escrito? Teoria da Linguagem em W. Benjamin. *Revista da USP*, São Paulo, pp. 68-75, set/out/nov. 1992.

_____. *O Arco-íris Branco. Ensaaios de Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

Abstract: *This paper aims at establish the parameters of the Walter Benjamin and the Brazilian poet, critic and translator Haroldo de Campos about translation's theory.*

Keywords: *translation practice, Walter Benjamim, Haroldo de Campos.*